



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

JANAILTON SANTOS DA SILVA

**ENTRE OS DOIS LADOS DO ATLÂNTICO: UMA ANÁLISE DA OBRA INFANTIL
CADA UM COM SEU JEITO, CADA JEITO É DE UM, DE LUCIMAR ROSA DIAS**

**GUARABIRA
2021**

JANAILTON SANTOS DA SILVA

**ENTRE OS DOIS LADOS DO ATLÂNTICO: UMA ANÁLISE DA OBRA INFANTIL
CADA UM COM SEU JEITO, CADA JEITO É DE UM, DE LUCIMAR ROSA DIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação Étnico-racial na Educação Infantil.

Área de concentração: Literatura Infantil e Negritude

Orientadora: Prof.^a Ma. Maria Aparecida Nascimento de Almeida.

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Janailton Santos da.
Entre os dois lados do Atlântico [manuscrito] : uma análise da obra infantil cada um com seu jeito, cada jeito é de um, de Lucimar Rosa dias / Janailton Santos da Silva. - 2021.
50 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Aparecida Nascimento de Almeida , UEPB - Universidade Estadual da Paraíba ."

1. Literatura Infantil. 2. Educação Antirracista. 3. Personagens. 4. Espaço. I. Título

21. ed. CDD 371.12

JANAILTON SANTOS DA SILVA

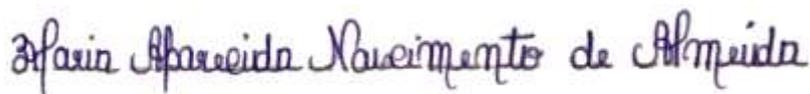
**ENTRE OS DOIS LADOS DO ATLÂNTICO: UMA ANÁLISE DA OBRA INFANTIL
CADA UM COM SEU JEITO, CADA JEITO É DE UM, DE LUCIMAR ROSA DIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação Étnico-racial na Educação Infantil.

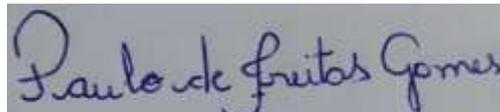
Área de concentração: Literatura Infantil e Negritude

Aprovada em: 21/06/2021.

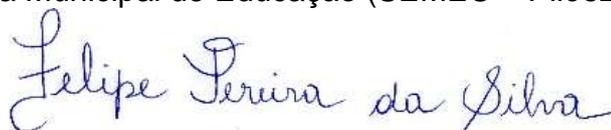
BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Maria Aparecida Nascimento de Almeida (Orientadora)
Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT-PB)



Prof. Me. Paulo de Freitas Gomes
Secretaria Municipal de Educação (SEMEC – Pilõezinhos-PB)



Prof. Me. Felipe Pereira da Silva
Secretaria Municipal de Educação (SEMEC - Cuitegi-PB)

Ao meu bom Deus e ao senhor Jesus Cristo; aos meus pais e a minha família que são o alicerce, a base da minha vida, por estar sempre ao meu lado, dando-me forças para seguir em frente; a todos os professores do curso de Especialização, pela dedicação, companheirismo e amizade, por contribuírem com seus conhecimentos, durante os meses de curso, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Maria Aparecida Nascimento de Almeida ou Professora Cidinha, como é mais conhecida, pelas sugestões de leituras ao longo de suas orientações, por sua dedicação, não somente comigo, mas com os demais colegas e orientandos, ou seja, com todos aqueles que tiveram o prazer de tê-la como professora e orientadora.

A minha querida mãe, Maria de Lourdes, ao meu querido pai, Luís Enedino, e aos meus irmãos, pelo apoio diário no período de estudos e de produção do presente TCC, para a conclusão do curso de Especialização.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial, aos professores Felipe Pereira, Sheila Gomes, Carlos Adriano e a todos os outros professores/as que, presencialmente ou virtualmente, contribuíram, ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, Campus III – Guarabira, em especial a querida Rejane Dantas, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

A minha prima e colega de classe, Fabiana Pereira, aos amigos Jessica Roberta, Ramon de Almeida, Liliane Ferreira e Jeane de França, e a todos os demais colegas de classe por cada momento de amizade, apoio, companheirismo e aprendizagem durante os meses que estivemos juntos.

“Luanda sinaliza a possibilidade de uma infância negra que tenha autoestima construída individual e coletivamente, analisando cada traço e fazendo da negritude a vivência plena.” (Thiara Cruz de Oliveira - Débora Oyayomi de Araujo)

RESUMO

O presente trabalho monográfico apresenta uma leitura analítica acerca do livro **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um**, da escritora Lucimar Rosa Dias, com o objetivo de verificar a autoafirmação identitária e a valorização do continente africano a partir das relações estabelecidas, na obra, entre Brasil e Angola, bem como observar a literatura afro-brasileira como prática quilombista, pois se constitui uma escrita que incentiva resistência. Nessa perspectiva, a literatura infantil contribui, de forma significativa, para uma educação antirracista desde a infância, pois se anteriormente as obras escritas para crianças invisibilizava os personagens negros ou os relegava a papéis secundários, contemporaneamente, principalmente, após a promulgação da Lei 10.639/03, percebemos que além da representatividade dos/as afrodescendentes, a história e a cultura africana são evocadas a fim de desconstruir estereótipos e incentivar o respeito à diversidade. De forma que personagem e espaço são categorias narrativas fundamentais para a análise proposta.

Palavras-Chave: Literatura Infantil. Educação Antirracista. Personagens. Espaço

ABSTRACT

This monographic work present an analytic reading about the book **Each in their own way, each way is of a**, by Lucimar Rosa Dias, with the purpose of to check the self-affirmation of identity and the valorization of the African continent from the relations established, in the work, between Brazil and Angola, as so as to observe the Afro-Brazilian literature how quilombist practice, because it constitutes a writing that incentive resistance. In this perspective, the child literature contributes, significantly, for an anti-racist education since the infancy, because if previously the works written for children made the black personages invisible or they relegated then to secondary papers, contemporarily, mainly, after the promulgation of the Law 10.639/03, we perceive that beyond the representation of the afro-descendants, the history and the culture of the Africa are evocated in order to deconstruct stereotypes and to incentive the respect to diversity. So that personage and space are fundamental narrative categories for the analysis proposed.

Key words: Children's Literature. Anti-racist Education. Personage. Space.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	DIÁSPORA E PAN-AFRICANISMO: APONTAMENTOS	16
2.1	A DISPERSÃO POPULACIONAL	16
2.2	O RETORNO ÀS ORIGENS.....	22
3	ENTRE CONCEITOS: LITERATURA E QUILOMBISMO	31
3.1	LITERATURA INFANTIL: HISTÓRIA E “ESTÓRIAS” DE RACISMO	31
3.2	QUILOMBISMO EM LETRAS E VOZ: POR UMA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA PARA CRIANÇAS	35
4	A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA QUILOMBISTA: O JEITO AFRO-BRASILEIRO DE SER	41
4.1	DE ANGOLA AO BRASIL: LUANDA, ESPAÇO, PERSONAGEM E ALÉM DISSO	43
4.2	DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS EM FAMÍLIA	46
5	CONCLUSÃO	49
	REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

Nas obras clássicas infantis é notória a falta de representatividade das crianças negras, conseqüentemente, os/as protagonistas apresentam traços eurocêntricos; quando presentes, os personagens afrodescendentes são colocados em segundo plano, subalternizados ou descritos negativamente, conforme observado no conto “Noiva Branca e Noiva Preta”, atribuído aos Irmãos Grimm.

Dessa forma, questionamos: será que a simples caracterização física dos personagens incentiva a autoafirmação identitária? Pelo exposto anteriormente, defendemos que não, pois a associação com o sofrimento e a maldade faz com que as crianças desejem se afastar dessa representação depreciativa. Assim, é preciso, além de inserir personagens negros/as nas obras literárias, positivar o comportamento desses seres ficcionais e salientar as vitórias conquistadas pela população africana, e seus descendentes, no âmbito real, de forma que esse povo se torne referência e obtenha o merecido respeito por parte de todas as crianças, sejam negras ou não.

Enquanto as obras clássicas insistem em apagar e silenciar as crianças negras, a literatura infantil afro-brasileira valoriza a população africana e a sua cultura, ressaltando as contribuições desta para a formação da nação brasileira e evocando os laços que unem o continente africano ao nosso país, a exemplo da obra **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um**, de Lucimar Rosa Dias, a qual se constitui o *corpus* dessa pesquisa que visa incentivar a autoafirmação identitária por meio da escrita literária, compreendida, nesse estudo, como uma prática quilombista, pois incentiva a resistência a escravização das mentes.

Quando se trata de estudos relacionados às questões étnico-raciais, é importante realizar um levantamento a respeito dos teóricos que estudam/estudaram sobre essas temáticas, devendo-se levar em conta, também, de que forma esse tipo de pesquisa, assim como a proposta de TCC apresentada, pode contribuir com os futuros estudos no meio acadêmico, bem como propiciar uma educação antirracista, pois a escola é o local onde o convívio à diversidade, étnico-racial, socioeconômica e de gênero, é mais frequente.

Assim, a implementação de práticas que visem propiciar uma convivência respeitosa, dentro e fora das instituições escolares, é urgente, tendo em vistas as inúmeras formas de violência que atingem os diversos grupos sociais devido à

intolerância. De forma que a intervenção educacional, a esse respeito, deve iniciar ainda na infância, quando as crianças são livres de preconceito, uma vez que se elas aprendem a odiar com os adultos podem aprender também a amar, como defende Nelson Mandela.

Além de um trabalho pedagógico focado no antirracismo, se faz necessária uma atuação voltada às crianças negras, a fim de romper com estereótipos, decorrentes do pensamento eurocêntrico, e incentivar a autoafirmação identitária para que no processo de desenvolvimento pessoal possam se identificar, orgulhosamente, com suas raízes culturais e seus antepassados, assim como a personagem Luanda, protagonista da obra **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um**.

Na referida narrativa, Lucimar Rosa Dias convida-nos a fazer um percurso inverso: do Brasil ao continente africano, especificamente, a Angola. Nesse processo de retorno às origens nos deparamos com uma criança que representa o seu povo e sente orgulho do seu pertencimento identitário. Nessa perspectiva, o foco narrativo não deve ser desconsiderado uma vez que a narração em 1ª ou em 3ª pessoa ajuda a pensar sobre quem somos, de fato, e sobre as formas que somos representados.

Pelo exposto, os elementos da narrativa merecem, igualmente, atenção, pois a personagem principal permite refletir sobre a representatividade das crianças negras, o espaço possibilita vincular o território brasileiro ao angolano, o tempo oportuniza refletir sobre práticas, passadas e presentes, que oprimem a população afrodescendente e o enredo guia-nos para proposição de propostas pedagógicas de combate ao racismo.

No capítulo inicial: **DIÁSPORA E PAN-AFRICANISMO: APONTAMENTOS**, evocamos intelectuais como Hall (2003), o qual nos permite refletir sobre o processo de dispersão territorial da população africana. Além de Cruz (2017) que no primeiro capítulo de sua dissertação de mestrado, aborda a diáspora negra no Brasil. Também consultamos Munanga (2016), o qual reflete sobre o Pan-Africanismo, a Negritude e o Teatro Experimental do Negro; importando-nos, de maneira mais significativa, as reflexões sobre o movimento de retorno às origens culturais, proposto pelos intelectuais pan-africanos. Hernandez (2008), apresenta uma discussão, igualmente, importante para essa pesquisa. Por isso, é referendada no texto.

Para a elaboração do segundo capítulo: **ENTRE CONCEITOS: LITERATURA E QUILOMBISMO**, e dos subcapítulos dessa seção, consultamos Nascimento (2009), pesquisador que nos chama a atenção para práticas cotidianas de resistência, assim como a escrita literária afro-brasileira, devido essa adjetivação as contribuições de Duarte (2010) são fundamentais. Candido (1999) é evocado com o intuito de nortear as reflexões sobre o vínculo entre literatura e sociedade, bem como propiciar reflexões acerca da influência da “arte da palavra” na formação do homem. Cunha (2003), Cademartori (2010), Lajolo e Zilberman (2007), igualmente, contribuem, pois oportunizam compreender a história e características da literatura infantil.

Por fim, no último capítulo intitulado: **A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA QUILOMBISTA: O JEITO AFRO-BRASILEIRO DE SER**, e seus respectivos subcapítulos, apresentam a análise da obra de modo a evidenciar como os elementos da narrativa são mobilizados, por Lucimar Rosa Dias, e como podem contribuir com a educação antirracista, a qual precisa ser, urgentemente, implantada no Brasil. Assim, partiremos de uma pesquisa bibliográfica que culmina em uma análise literária de forma a evidenciar o potencial da obra para o trabalho em sala de aula. Para tanto, Moisés (2013), Silva (2016), Cavalleiro (2001), dentre outros pesquisadores, nortearão as discussões.

2 DIÁSPORA E PAN-AFRICANISMO: APONTAMENTOS

2.1 A dispersão populacional

Antes tratados como reis e chefes tribais, em África, os habitantes desse continente foram escravizados e dispersos pelo mundo afora em grandes navios que ficaram conhecidos como tumbeiros, a designação denota as péssimas condições as quais eram submetidos no traslado forçado, no caso do Brasil, para as propriedades dos senhores de engenho e, posteriormente, para o trabalho na mineração e no cultivo de café.

Esse tratamento desumano vitimava inúmeras pessoas e as que resistiam aos maus-tratos, no percurso, deparavam-se, em terra firme, com incontáveis atrocidades que física ou psicologicamente as oprimiam, devido o pensamento ocidentalizado, o qual motivou “[...] uma nova consciência planetária constituída por visões de mundo, auto-imagens e estereótipos que compõem um “olhar imperial” sobre o universo.” (HERNANDEZ, 2008, p. 17-18).

Assim, a escravização e o, conseqüente, tráfico humano era amparados por discursos que pregavam a hegemonia, sobretudo, eurocêntrica a fim de justificar a subordinação dos cativos e a hegemonia do continente, pois, segundo Du Bois (2001), citado por Christian (2009, p. 149) “O ‘comércio triangular’ de escravos promovido pela Europa deu origem à diáspora africana entre os séculos XV e XIX”.

Tal processo, compreendido como a “dispersão da população africana pelo mundo” teve início a partir do referido século, de acordo com Browder (1996) e Tompson (1987), mencionados por Christian (2009, p. 149), “[...] quando doze africanos sequestrados foram entregues como presente ao príncipe D. Henrique de Portugal.” Apesar de a palavra diáspora poder ser empregada em referência à saída voluntária ou forçada, neste estudo interessa-nos, principalmente, a compreensão do processo que deslocou, obrigatoriamente, os africanos da terra de origem.

Para refletir acerca dos efeitos desse fato histórico, Christian (2009, p. 150), mais uma vez, vale-se das palavras de Du Bois (2001, p.149) o qual assim resume “[...] a era da escravização pelos europeus [...]”:

Durante quatrocentos anos, de 1450 a 1850, a civilização europeia empreendeu um comércio sistemático de seres humanos de proporções tão

assombrosas que seus efeitos físicos, econômicos e morais ainda estão nitidamente à vista em todo mundo.

Entretanto, na primeira parte de seu livro **Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais**, intitulada “Pensando a diáspora – Reflexões sobre a Terra no Exterior”, Stuart Hall aborda as migrações dos afro-caribenhos para a Grã-Bretanha, no Pós-Guerra, fato que simboliza o nascimento da diáspora negra afro-caribenha. Essa perspectiva de abordagem, chama-nos a atenção por ressaltar a necessidade de observarmos não apenas os desdobramentos do tráfico negreiro, mas também da saída voluntária, pois ambos os movimentos propiciaram aproximações e rupturas com as culturas de origem.

Embora Hall (2003) acredite que a difícil história negra afro-caribenha mereça ser mais conhecida e estudada, no Caribe e fora dele, o supracitado intelectual não se atém a relatos históricos sobre a dispersão populacional, opta, pois, por refletir acerca desse deslocamento territorial se dedicando a pensar como a migração negra afro-caribenha se desenvolveu, na época, e como pode influenciar, ainda hoje, os movimentos negros que lutam contra o preconceito, o racismo e a desigualdade social pelo mundo.

É importante pensar sob esse ponto de vista, pois inúmeros vieses da opressão contemporânea, a exemplo dos supracitados, são consequências da escravidão, pois “[...] A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do império em toda a parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. (HALL, 2003, p. 28).

Nesse sentido, é oportuno observar como a movimentação populacional, forçada ou espontânea, entre o continente africano, americanos e europeu colaboram com as reflexões acerca do contexto brasileiro, o qual é marcado pelo “mito da democracia racial”, constantemente, evocado para camuflar as práticas racistas. Assim, tais experiências inspiram tanto para as lutas quanto para as vitórias possíveis, também, no âmbito cultural, pois ao passo que a população afro-caribenha se instalava e crescia, em meio a sociedade da Grã-Bretanha, os assentamentos negros que lá se instalavam não ficavam, totalmente, desligados de suas raízes no Caribe.

Em nosso país, inúmeras foram as tentativas de aculturação, porém, os africanos eram resilientes, mantinham o apego as raízes culturais de forma disfarçada, desviando a atenção dos senhores e dos religiosos que, por vezes, não reconheciam esses atos de resistência: “[...] Nessas ocasiões os padres preferiam acreditar nas justificativas dos negros que diziam ser os ‘batuques’ homenagens aos santos católicos feitas em sua língua natal e com as danças de sua terra.” (SILVA, 1994, p. 34)

Sabe-se que a cultura e os valores sociais, deixados pelos antepassados, não foram esquecidos com o tempo, nem no Brasil nem no Caribe, mas transmitidos para as gerações futuras. De forma que a descendência africana era reconhecida e celebrada por uma parcela da população negra e parda da sociedade afro-caribenha, a qual reconhecia as contribuições transportadas do continente africano para os diferentes territórios. No entanto, são indiscutíveis os desafios que enfrentaram a partir dessas migrações forçadas ou voluntárias.

Mesmo quando os africanos ou afrodescendentes deslocam-se, espontaneamente, para outros países em busca de uma vida melhor, precisam transpor barreiras, pois têm oportunidades negadas por questões raciais. A esse respeito, é importante evidenciar que o conceito de raça é compreendido, nessa pesquisa, a partir da perspectiva de Hall (2003, p. 69), para o qual “Raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico de exploração e exclusão – ou seja, o racismo [...]”.

As considerações de Hall (2003, p. 69), demonstram como esse conceito permanece amparando o segregacionismo, tendo em vista que suas origens dificultam a inserção dos africanos e seus descendentes em sociedades onde prevalece a supremacia branca, desde o período colonial, pois o pensamento eurocêntrico, dos colonos, não admitia divergência dos costumes culturais e religiosos. De maneira que as alternativas apresentadas eram: renegar seus hábitos e crenças ou manterem-se excluídos, marginalizados e inferiorizados.

Liv Sovik, ao apresentar a obra de Hall (2003, p. 15-16), destaca:

[...] a questão sobre a diáspora é colocada em seu texto, principalmente por causa da luz que ela é capaz de lançar sobre as complexidades, não simplesmente de se construir, mas de se imaginar a nação (nationhood) e a identidade caribenhas, numa era de globalização crescente.

Apesar de voltar-se para o contexto do Caribe, tal discussão também impulsiona a análise das particularidades de outros países, uma vez que se insurgiram nas Antilhas Britânicas, e proximidades, vozes e revoltas responsáveis por movimentos de proporções universais, a exemplo do Pan-Africanismo.

Esse movimento teve como um dos principais representantes o estadunidense W. E. B. Dubois, para o qual “[...] a luta de um povo para sua independência nacional reforçava a luta dos outros e vice-versa e era reforçada pela luta desses outros.” (MUNANGA, 2016, p. 111). Além do Panafricanismo, ressalte-se o movimento da Negritude, cujo marco inicial foi a “[...] revolta dos escravos no Haiti, onde liderados por Toussaint Louverture os negros chegaram a obter a independência do país em 1804 [...]”, conforme ressalta Bernd (1984, p. 12).

A esse respeito, Bernd (1984, p. 12) acrescenta:

[...] a ação do herói da libertação haitiana – Toussaint Louverture – e do herói do Quilombo dos palmares – Zumbi – pode ser tomada como o marco zero da negritude, na medida em que esta, em suas origens, associa-se ao *marronage* (palavra francesa que encontra equivalente em português na palavra *quilombismo*): comportamento revolucionário que levou os escravos a fugirem das fazendas em busca da liberdade.

A diáspora negra, no Brasil, acarretou situação similar a de outros países e atos de resistência também, a exemplo do evidenciado por Bernd (1984, p. 12). Através do processo de escravização, milhares de africanos deixaram seu continente em direção ao nosso país, onde os abastados, assim como em outras sociedades, lucraram com a sua comercialização. Quem mais lucrava com a venda de escravos eram os “senhores” e os mercadores, estes não mediam esforços para conseguir mão de obra sem custo, tendo em vista que nenhuma remuneração era destinada aos africanos pelo trabalho desempenhado, dentro ou fora da “casa-grande”.

Além da exploração laboral, os africanos eram submetidos a tratamentos degradantes e revoltantes. Não se sabe com exatidão quando os primeiros africanos chegaram à Europa, pois não há dados concretos com relação a essa chegada, devido à falta de documentação. No entanto, segundo Cruz (2017), a partir do século XIII os primeiros portugueses começaram a exploração do continente africano, forçando os negros a se deslocarem, conforme apontado em sua

dissertação: História e Cultura Afro-brasileira: Uma análise da implementação da Lei 10.639/03 no Colégio Cataratas do Iguaçu.

Foi no ano de 1468 que a Coroa Portuguesa implantou um sistema de contrato, com relação ao comércio de escravos de uma parte da África, especificamente, no Sul do Rio Senegal, conforme revela Cruz (2017). Para justificar os seus atos com a demanda crescente da escravização, ganhou força a proposta de cristianizar os habitantes da África, prática que contribuiu com a disseminação de estigmas de inferioridade e selvageria com relação à população do continente.

Percebe-se, desse modo, um “jogo de interesses” nas sociedades, onde os negros foram tratados como meras mercadorias e não como seres humanos. Durante muito tempo, os africanos foram privados de viver livremente, mas não se curvaram e mantiveram suas crenças e culturas, pois se as proibiam oficialmente eles resistiam e continuavam com suas práticas extraoficialmente, como percebemos por meio das considerações de Silva (1994, p. 34).

Por mais de trezentos anos, a escravidão esteve marcada pelas lutas de resistência; protagonizaram esses levantes os negros escravizados por Portugal e trazidos para o solo brasileiro. Ao longo desses séculos, movimentos de resistência, contra uma sociedade opressora e seu sistema escravagista, levantaram-se para enfrentar o preconceito e o racismo, reivindicando liberdade, igualdade, respeito e reconhecimento.

Além do Pan-Africanismo e do Movimento da Negritude, podemos citar o quilombismo, referenciado por Bernd (1984, p. 12), o qual é compreendido, neste estudo, sob duas perspectivas, em um primeiro momento, como atitude em defesa da sobrevivência que originou os quilombos, locais que “[...] resultaram dessa exigência vital dos africanos escravizados no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade por meio da fuga do cativeiro e da organização de uma sociedade livre”. (NASCIMENTO, 2009, p. 203).

Posteriormente, discutiremos o Quilombismo caracterizado por práticas sociais contra o racismo e a opressão, isto é, “[...] uma *práxis* afro-brasileira [...]” de resistência, para mencionar Nascimento (2009, p. 203), com foco na escrita literária, pois se a linguagem reforça a subjugação ela também é favorável a um processo de libertação integral e autoafirmação que deve iniciar na infância.

No primeiro sentido, os quilombos, tornaram-se símbolos de resistência à sociedade escravocrata, a qual oprimia os/as africanos/as, tirando-lhes a liberdade e

submetendo-os a um processo de aculturação. Zumbi dos Palmares tornou-se ícone do povo negro, nesse período. Quando Zumbi era o líder do Quilombo dos Palmares, sua população chegou a aproximadamente trinta mil habitantes. Os negros que viviam nos quilombos eram livres, praticavam sua cultura e produziam tudo que precisavam para viver.

A esse respeito, Cruz (2017, p. 39) salienta: o principal líder do Quilombo, Zumbi dos Palmares, o qual sucedeu Ganga Zumba, tornou-se conhecido, historicamente, por uma designação que remonta a um título militar, especificamente, “chefe de guerra”. Tal nomenclatura, à medida que era utilizada como nome próprio reforçava suas qualidades de líder corajoso e temido, conforme perceptível por meio da articulação de estratégias que visavam resistir e vencer mercenários e bandeirantes.

No que toca sua origem, segundo Munanga e Gomes (2006, p. 83), referenciados por Cruz (2017, p. 39), Zumbi foi um menino nascido no Quilombo dos Palmares. Porém, ainda recém-nascido foi capturado, juntamente com outros negros adultos, por Brás da Rocha, o qual no ano de 1655 atacou o quilombo. Por força de um contrato, Brás o entregou ao chefe da coluna. Esse resolveu dar de presente, ao padre português Antônio Melo, responsável pelo distrito de porto Calvo, o pequeno recém-nascido. Padre Melo, decidiu, então, batizá-lo e dar-lhe o nome de Francisco, se afeiçoando, de imediato, aquela criança que se mostrava muito inteligente. Por isso, resolveu lhe ensinar português, latim e religião.

Quando completou quinze anos, Francisco fugiu para Palmares, onde, em um processo de reafirmação identitária, passou a ser conhecido como Zumbi. Essa renomeação era comum, na época, pois quando os negros africanos chegavam ao Brasil eram submetidos ao batismo, recebendo, conseqüentemente, nomes cristãos. No entanto, mesmo que o batismo fosse obrigatório, nas senzalas costumavam manter os nomes de origem. Assim, Zumbi, sobrinho de Ganga Zumba, cujo significado é Grande filho do Senhor, o substituiu a partir de sua morte. Essa liderança se estendeu até o momento que foi traído e, também, morreu, conforme aponta Cruz (2017, p. 39).

Por esse motivo, Zumbi dos Palmares é considerado o maior líder da resistência negra de nossa história. Sua morte ocorreu no dia 20 de novembro de 1695, motivo pelo qual celebramos, nessa data, o Dia da Consciência Negra que foi dedicado a homenagear esse herói, como enfatizado nas **Diretrizes Curriculares**

Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.

2.2 O retorno às origens

Durante o início do século XX, o Pan-Africanismo, movimento diaspórico-africano surge, conforme ressalta Munanga (2016), como forma de protestar a favor dos direitos dos negros e do reconhecimento da cultura africana e afrodescendente, assim como lutar contra o preconceito e o racismo. Esse movimento surgiu entre os negros dos Estados Unidos e das Antilhas Britânicas. Assim, conferências e congressos foram realizados desde o ano de 1900, no qual aconteceu o primeiro evento Pan-Africanista, em Londres, organizado pelo advogado Henry S. Williams, de Trinidad.

Mas, foi, somente, após a Primeira Guerra Mundial que as conferências se ampliaram, sob a influência e iniciativa de Georges Padmore e W.E.B. Du Bois; conforme destaca Munanga, o qual evidencia que a luta do povo africano é ampla, pois, dentre as reivindicações, podemos pontuar, também, as independências de várias colônias, já que a luta de um povo reforça a dos outros e vice-versa. Por isso, acreditava-se que o regime colonial deveria ser combatido conjuntamente, não de maneira isolada.

Assim, segundo Reis (2012), em setembro de 1956, ocorre o I Congresso dos Escritores e Artistas Negros na cidade de Sorbonne, Paris, o qual reuniu alguns dos maiores intelectuais negros do pós-guerra. Como destaca Barbosa (2015), no ano de 1959, realizou-se o II Congresso dos Escritores e Artistas Negros, dessa vez em Paris e Roma.

Apesar de realizados em um curto espaço de tempo, ambos possuem características diferentes, enquanto o evento de 1956 foi organizado em quatro dias e contou com comunicações e debates públicos, onde todos podiam participar e interagir, explicitando suas ideias, sugestões e pensamentos, acerca dos temas discutidos, em 1959 o trabalho preparatório foi intensificado.

Isso porque diversas comissões atuaram, voltando-se, especificamente, para literatura, ciência, política, linguística, história, filosofia, sociologia, teologia, técnicas e medicina, artes. Como não houve debate público das teses expostas, assim como ocorreu em 1956, posteriormente, as comissões reuniram-se para deliberar acerca

das resoluções gerais do Congresso, as quais foram apresentadas no final do evento.

Pode-se observar a importância desses congressos e dos demais, realizados mundialmente, ao constatar a grande influência que exerceram nas conquistas do povo negro. Durante o ano de 1958, ocorreram mais duas conferências de grande impacto, no que concerne a formação ideológica pan-africana: a Conferência dos Povos Africanos e a Conferência dos Estados Independentes da África (Etiópia, Gana, Libéria, Líbia, Marrocos, Sudão, Tunísia e Egito). Tais eventos, correram sob a liderança de K. N’Krumah em Gana.

No que se refere aos efeitos do Pan-africanismo, Hernandez (2008, n.p.) pontua:

[...] foi um movimento de contribuição fundamental para o processo de tomada de consciência das elites culturais africanas em relação às questões econômicas, sociais, políticas e culturais do continente. As idéias centrais contidas no conjunto das escrituras pan-africanas sistematizaram questionamentos, formularam projetos e informaram uma práxis que combateu a opressão e a injustiça, propondo a conquista das independências em âmbito continental.

Dessa forma, dois movimentos convergiam entre si, à Negritude enquanto posição intelectual e o Pan-africanismo como posição política, esses apresentaram similaridade ao afirmar, respectivamente, que todos os africanos tinham uma civilização comum e que todos os africanos deveriam lutar juntos. Outro ponto em comum, entre os supracitados movimentos, é a luta contra o racismo e a desigualdade econômica, as quais impedem, ou dificultam, uma vivência digna, em diversas sociedades, para os africanos e seus descendentes. Conforme revela Munanga (2016, p. 3-4)

A questão que se colocava na literatura americana antes do movimento pan-africanista era saber se os negros dos Estados Unidos tinham preservado alguma coisa da herança africana. Mais grave do que isso, colocaram em dúvida a identidade cultural das minorias negras americanas ao fazer delas coletividades sem passado ou envergonhadas de suas origens africanas. Comparados aos outros grupos étnicos que compõem a população americana, os negros apareciam desprovidos de um patrimônio cultural próprio, porque seus antepassados trazidos da África chegaram “nus”, sem poder carregar nada com eles, até porque eram “oriundos de um continente povoado de tribos selvagens e sanguinárias”. [...]. Os escravizados eram evidentemente descendentes de inúmeras gerações africanas, mas como no mundo animal essas gerações só transmitiram o único bem precioso: a vida. [...].

O fragmento demonstra que a “literatura americana” reproduzia o preconceito ao questionar a herança africana, colocando em dúvida, também, a cultura, até mesmo os escritores negros punham em xeque essas questões. Tal aspecto, observado na literatura estadunidense, apresenta divergência se comparado à afro-brasileira, pois apesar da opressão, entre nossos escritores, várias vozes insurgiram-se desde o princípio revelando orgulho do pertencimento étnico-racial e denunciando a crueldade da escravidão, a exemplo de Luiz Gama.

Enquanto, no país norte-americano, apenas, “Após séculos de imitação cega, alguns escritores negros tomaram consciências de que, de todos os grupos étnicos povoando os Estados Unidos – anglo-saxões, italianos, alemães, poloneses, judeus, etc. eles são os únicos a sofrer uma lavagem cerebral.” (MUNANGA, 2016, p. 112). Isso não significa que havia unanimidade no Brasil, no que se refere à autoafirmação identitária, mas como as palavras de Munanga generaliza, acreditamos que a estigmatização prevalecia nas produções literárias da maioria dos escritores negros norte-americanos, implementando pensamentos eurocêntricos, do colonizador, alienando, assim, as mentes desses grupos.

Percebe-se então que, durante muito tempo, o pensamento eurocêntrico permaneceu influenciando os afro-estadunidenses e afro-brasileiros. De acordo com Munanga (2016, p. 10): “[...] Parece que os negros americanos naquela época, salvo alguns grupos como o Black Muslims ou Black Power, reclamavam a integração mais completa na sociedade americana. Mais do que a africanidade, eles preferiam a americanidade”. Isto porque, estabeleceu-se no país norte-americano um sistema segregacionista.

No que se refere à produção literária, observa-se que:

[...] somente na Segunda metade do século passado são incluídos escritores judeus e negros, e os grupos imigrantes mais tardios, como os hispânicos e asiáticos, e somente nas últimas décadas do século, é feito um esforço para incluir os índios e os homossexuais tanto nas antologias quanto nos programas dos cursos de literatura. (SANTOS, 2001, p. 4)

Note-se a exclusão desses grupos minoritários, e, conseqüentemente, a representatividade nas obras. Nesse contexto, é mais cômodo aderir a “americanidade” em detrimento da africanidade, pois a autoafirmação acarreta desgaste emocional e físico, tendo em vista as barreiras impostas para a inserção social.

De maneira que o Pan-Africanismo e a Negritude contribuíram, e contribuem, significativamente, com a luta contra o preconceito, o racismo e a inferiorização dos negros ao longo do tempo. Na mesma perspectiva, surgem outras organizações, como o Movimento Negro, o qual busca o respeito aos direitos civis da população afrodescendente, combatendo o racismo que persiste enraizado em várias sociedades.

Assim, diversos movimentos buscam atender as demandas de seus países, a partir das particularidades inerentes a cada nação. Percebe-se que, no Brasil, a luta da população negra é ampla, pois além de combater o racismo, precisa reivindicar a igualdade de direitos e oportunidades, pois nem sempre o que as leis dispõem se concretiza na prática.

A esse respeito, é oportuno pontuar que diversos movimentos negros emergiram em todo mundo, historicamente, desde as revoltas dos escravos no Brasil colonial até organizações contemporâneas que lutam contra o racismo e pela justiça social. A observação dessa situação, demonstra que a resistência vem acompanhando a população afrodescendente ao longo das gerações, por outro lado é angustiante perceber que, apesar de tantos embates, essa luta está longe do fim, pois, cotidianamente, precisamos enfrentar situações de preconceito.

No caso dos Estados Unidos, a luta ganhou força a partir do século XX, quando os expoentes norte-americanos: Malcolm X, Rosa Parks e Martin Luther King Jr lideravam o enfrentamento ao racismo. Entre 1950 e 1960 as questões raciais alcançaram maior visibilidade, trazendo à luz a pauta do racismo estrutural e difundido em vários setores da sociedade. Assim sendo, podemos enumerar diversos líderes de movimentos negros pelo mundo, tais como: Zumbi dos Palmares, no Brasil, Nelson Mandela, na África do Sul, Angela Davis e Martin Luther King Jr, ambos dos Estados Unidos, entre outros que exerceram influência em suas respectivas nações.

Essas contribuições precisam ser reconhecidas e difundidas. No que se refere ao âmbito educacional brasileiro, 2003 foi um ano emblemático. A partir da eleição do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, o Ministério da Educação demonstrou compromisso com a pauta das políticas afirmativas, motivado, dentre outros fatores, pela sanção da Lei 10.639/03, a qual prevê a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino, com o objetivo de

[...] corrigir injustiças, eliminar discriminações e promover inclusão social e cidadania para todos no sistema educacional. (BRASIL, 2009, p. 5)

Tais políticas de ação afirmativa são imprescindíveis, tanto na esfera social quanto educacional, pois os discentes podem colaborar com a conscientização e mudança de atitude da população, a exemplo daqueles que participaram da Negritude, um dos desdobramentos do movimento iniciado em 1900, a qual foi referenciada por Munanga (2016, p. 114) como “filha do pan-africanismo”.

Nascida na década de 1930 no “quartier Latim”, em Paris, a Negritude contou com a colaboração de estudantes negros oriundos da diáspora das Antilhas francesas e da África colonizada, conforme destaca Munanga (2016, p. 114). Aos poucos esses alunos negros foram percebendo que os seus direitos, de estudar nas universidades francesas, não eram respeitados, compreendendo, desse modo, que o pensamento eurocêntrico, também, era marcante na sociedade e nas universidades francesas da época.

Nos Estados Unidos, dois escritores afro-americanos se destacaram, nos movimentos negros que surgiram, no período que habitaram o país: o escritor Du Bois e Langston Hughes, eles eram muito conhecidos, o primeiro foi considerado o pai da Negritude e produziu uma obra que influenciou o Renascimento Negro, igualmente, denominado Renascimento do Harlem, trata-se do livro **Almas Negras**. Esse movimento cultural, como tantos outros, lutou em prol da população negra. No que toca o segundo intelectual, supracitado, esse sempre foi prestigiado entre os idealizados da Negritude, com os quais juntou-se na luta contra o preconceito, a desigualdade e o racismo.

Quando a Guerra Civil dos Estados Unidos chegou ao fim, em 1865, centenas de milhares de afro-americanos, recém-libertos do jugo da escravidão, no sul do país, começaram a sonhar com uma participação mais ampla e plena na sociedade, dentre seus objetivos estava empoderamento político, oportunidades econômicas iguais, autonomia cultural, além de autodeterminação. Por volta de 1870, esse sonho foi contraposto a realidade, pois a supremacia branca, rapidamente restaurada no sul do país, se reestruturava de maneira segregacionista e impiedosa.

W.E.B. Du Bois, é evocado, constantemente, nesta pesquisa pelas inestimáveis contribuições deixadas como sociólogo, historiador, ativista, autor e editor. Nascido na cidade Great Barrington, em fevereiro de 1868, no interior do estado de Massachusettes, realizou os seus estudos nas Universidades de Fuk,

Harvard e Berlim, fazendo doutorado em Filosofia. Logo, os seus trabalhos como historiador revelaram aos seus companheiros negros um passado do qual não deveriam sentir vergonha. Exercendo, assim, profunda influência sobre os escritores negros americanos. Por isso, o supramencionado livro **Almas Negras** tornou-se uma verdadeira bíblia para os intelectuais do Renascimento Negro entre os anos de 1920 e 1940,

Reagindo, por sua vez, contra os estereótipos e preconceitos inveterados que circulavam a respeito do negro, longe de lamentar-se de sua cor, como acontecia com alguns no passado, o movimento reivindica-a, encontrando nela fonte de glória. Tratava-se de ter a liberdade de se expressar como se é, e sempre se foi; de defender o direito ao emprego, ao amor, à igualdade, ao respeito; de assumir a cultura, o passado de sofrimento. A origem africana. (MUNANGA, 2016, p. 5).

Sabe-se que, por muito tempo, as vozes negras permaneceram silenciadas, mas a partir do momento que se levantaram e reagiram contra os estereótipos, preconceito e racismo, e/ou mesmo quando perceberam a visão alienante, implementada pelo pensamento eurocêntrico, compreenderam que tinham a liberdade de se expressarem. Portanto, a partir desse instante, buscaram lutar contra a supremacia branca e suas leis rigorosas para com os negros, a fim de garantir direitos fundamentais para qualquer cidadão.

Colaborou, também, com essa perspectiva de liberdade e igualdade racial, Langston Hughes, nascido em 01 de fevereiro de 1902 no estado americano do Missouri, em Joplin. Escritor, poeta, novelista, dramaturgo, contista e colunista estadunidense, é considerado o mais famoso do movimento modernista norte-americano, conhecido como Harlem Renaissance. “De pai branco e mãe negra, foi muito prestigiado por aqueles que iniciaram a Negritude”, conforme destaca Munanga (2016, p.114).

Por isso, quando esteve em Paris, tornou-se amigo pessoal de Leon Damas e Senghor. As marcas deixadas pela civilização ocidental foram tão traumáticas que Langston Hughes confessava não se sentir à vontade em seu meio, pois a sociedade estadunidense apagava e silenciava a população afrodescendente e, conseqüentemente, desconsiderava seus talentos, suas potencialidades.

Essa situação era apoiada pelos legisladores brancos, os quais com o poder que tinham, a nível estadual e local, e em virtude dos seus próprios preconceitos, aprovaram leis rigorosas de “segregação racial”. Leis como a “Jim Crow” só

tornaram os afro-americanos, sobretudo, do Sul cidadãos de segunda classe, conforme salienta Hooks (2019, p. 273). Embora um pequeno grupo de afro-americanos possuísse terras, a maioria era, completamente, explorada como meeira, esse sistema era projetado para mantê-los pobres e sem poder.

Apesar da expansão econômica, no Norte e no Centro-Oeste, cujo resultado foi a oferta de empregos nas indústrias para trabalhadores de todas as raças, os afro-americanos acreditavam que poderiam encontrar melhores condições de vida e moradia e um ambiente racialmente mais democrático, mas enganaram-se, pois,

[...] A grande migração do negro para as áreas residenciais de favelas e assentamentos industriais das grandes cidades do Norte aumentou a tensão entre as raças. O trabalhador do Norte tinha ciúme de seu status e ressentia a competição com os negros, que eram excluídos dos sindicatos [...]. (HOOKS, 2019, p. 273)

Nesse contexto, movimentos como o Renascimento do Harlem, ou Renascimento Negro, tornou-se um porto seguro e um destino para todos os afro-americanos de várias origens, desde os trabalhadores não qualificados a uma classe média instruída, dentre os quais a única questão em comum era a experiência da escravidão de seus antepassados, além do desejo de libertarem-se da opressão racial e forjar uma nova identidade como pessoas livres. Esse movimento abrangia as mais variadas formas de arte: poesia, prosa, pintura, escultura, até o jazz, o swing a ópera. Tais manifestações artísticas realistas demonstravam o que, de fato, é ser negro nos Estados Unidos.

Além de Du Bois e Langston Hughes, outros escritores, poetas e intelectuais negros afro-americanos, fizeram parte deste movimento. Por isso, é oportuno destacar a participação de Marcus Garvey, Cirilo Briggs e Walter Francis White, dentre outros nomes importantes que fizeram parte do Renascimento Negro, o qual fez com que o Harlem se tornasse o epicentro da cultura americana. No bairro passaram a funcionar editoras, jornais afro-americanos, companhias de músicas, teatros, casas noturnas e cabarés. A literatura, a música e a moda foram significativas para a criação de uma cultura definida e “cool” para negros e brancos no país norte-americano e no mundo.

O Renascimento Negro impactou os artísticos estadunidenses, atribuindo visibilidade as suas obras de arte, inspirando e influenciando, também, futuras gerações de intelectuais afro-americanos. Esse movimento desafiou estereótipos

racistas e depreciativos, redefinindo o olhar de pessoas das outras raças, as quais começaram a compreender a experiência afro-americana. No entanto, ainda observamos, atualmente, a luta de pessoas negras por melhores condições sociais e econômicas seja nos Estados seja no Brasil.

Porém, a ampliação dessa discussão ao contexto de ambos os países é uma tarefa complexa e desafiadora que se afasta dos objetivos do presente estudo, o qual, neste primeiro capítulo, visa refletir sobre a dispersão forçada, ocasionada pela diáspora, e os movimentos voluntários de autoafirmação e união em prol da libertação negra no mundo, incentivados pelo pan-africanismo, já que “[...] a proibição do comércio da carne africana imposta pela Inglaterra por volta de 1850” (NASCIMENTO, 2009, p. 198) seguiram-se inúmeras estratégias para a manutenção do tráfico humano e quando esse, oficialmente, teve fim emergiram outros métodos de exclusão; renovados, constantemente, em espaços e tempos distintos.

Dessa forma, é preciso manter a vigilância com o intuito de combater práticas depreciativas que se concretizam, prioritariamente, através da linguagem e culminam em violência física. Assim, a desconstrução de estereótipos e preconceitos, em crianças, possibilita a formação de cidadãos que são conscientes do sofrimento, mas mantêm o foco nas vitórias possíveis, pois o conhecimento histórico e a valorização cultural os fortalecem para a transformação social. Para esse processo, de autoafirmação identitária, a literatura pode contribuir significativamente desde que abordada com esse fim, pois:

A memória dos afro-brasileiros, muito ao contrário do que afirmam aqueles historiadores convencionais de visão curta e superficial entendimento, não se inicia com o tráfico escravo nem nos primórdios da escravidão, no século XV. Em nosso país, a elite dominante sempre desenvolveu esforços para evitar ou impedir que o negro, após a chamada abolição, pudesse assumir suas raízes étnicas, históricas e culturais, dessa forma seccionando-o do seu tronco familiar africano. (NASCIMENTO, 2009, p. 197-198)

Torna-se urgente, portanto, superar as práticas separatistas entre a população brasileira e seus ancestrais africanos, como propôs Lucimar Rosa Dias¹

¹“Lucimar Rosa Dias, é uma escritora afro-brasileira, escreveu a obra de cunho infantil **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um (2012)**, publicada pela Editora Alvorada, sendo ilustrada por Sandra Beatriz Lavandeira. Prof.^a da Universidade Federal do Paraná, atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação na Linha Educação, Diversidade, Diferença e Desigualdades Sociais. Doutora pela USP e mestra pela UFMS, possuindo graduação em Pedagogia”. DISPONÍVEL EM: <https://www.escavador.com/sobre/4000019/lucimar-rosa-dias>.

na obra, da literatura infantil afro-brasileira, **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um**, e combater a ideia de que a abolição da escravatura no Brasil foi fruto de um ato benevolente da princesa Isabel, pois esse tipo de discurso renega o mérito da população negra que já se organizava, nos quilombos e fora deles, e em breve conseguiria esse feito: “Assim, o processo de abolição brasileiro carregava consigo algumas singularidades. Em primeiro lugar a crença enraizada de que o futuro levaria a uma nação branca. Em segundo, o alívio decorrente de uma libertação que se fez sem lutas nem conflitos [...]” (SCHWARCZ, 1998, p. 187)

Por isso, precisamos desviar o foco do 13 de maio, pois nesse dia se concretizou o abandono da população negra tendo em vista que ao invés de introduzir os ex-escravizados na sociedade brasileira “[...] iniciou-se uma política agressiva de incentivo a imigração [...] marcada por uma intenção também evidente de ‘tornar o país mais claro’” (SCHWARCZ, 1998, p. 187), ou seja, de embranquecer a população.

Lima (2006, p. 41), na mesma linha de raciocínio afirma:

A negação dessa História esteve sempre associada nitidamente a formas de controle social e dominação ideológica, além do interesse na construção de uma identidade brasileira despida de seu conteúdo racial, dentro do chamado “desejo de branqueamento” de nossa sociedade. Característico da segunda metade do século XIX.

Dessa forma, presenciamos no século XXI um movimento inverso, em nosso país, pois os escritores que produzem a literatura afro-brasileira, reivindicam em seus discursos, ou por meio de seus personagens, a descendência africana e o pertencimento cultural, tal qual ocorreu no movimento da Negritude. Essa autoafirmação étnico-racial, nas obras destinadas as crianças, reafirmam a necessidade de iniciarmos esse processo de libertação em nossas terras, conforme proposto por Du Bois, citado por Munanga (2016, p. 103), desde a infância.

Pode colaborar com esse objetivo a literatura infantil afro-brasileira, a qual se constitui uma prática quilombista, de escrita e de leitura, nos termos propostos por Nascimento (2009). De modo que o Quilombismo, será refletido, neste estudo, tanto sob o ponto de vista histórico quanto contemporâneo. Essa segunda perspectiva de abordagem denota a pertinência de atualizar os atos de resistência, levando em consideração o tempo e o espaço, pois se anteriormente a fuga era a solução, para

a melhor organização do embate, hoje vivenciamos um período que exige enfrentamento, imediato, por atitudes e palavras.

3 ENTRE CONCEITOS: LITERATURA E QUILOMBISMO

3.1 Literatura Infantil: história e “estórias”

A literatura infantil surgiu, mundialmente, no século XVII, conforme aponta Cademartori (2010). Porém, apenas a partir do classicismo francês, ainda no mesmo século, as obras literárias escritas foram consideradas como literatura apropriada ao público infantil. Dentre as produções desse período citamos:

[...]as *Fábulas*, de La Fontaine, editadas entre os anos de 1668 e 1694, *As aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, publicadas postumamente, em 1717, e os *Contos da Mamãe Gansa*, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*, que Charles Perrault publicou em 1697. (LAJOLO E ZILBERMAN, 2007, p. 14, grifos das autoras).

Nesse período, o livro passou por uma situação bastante curiosa o que torna explícito o caráter ambivalente do gênero no seu início. Isso aconteceu, dentre outros motivos, porque Charles Perrault, como figura importante nos meios intelectuais franceses, decidiu atribuir a autoria da escrita de sua obra ao filho mais moço: o adolescente Pierre Darmancourt, dedicando-a ao Delfim da França, título atribuído ao herdeiro da coroa, o qual tornou-se rei ainda criança, nessa época, motivo pelo qual o referido país era governado por um príncipe regente, conforme destacam, Lajolo e Zilberman (2007, p. 14).

Assim, Perrault é responsável não apenas pela difusão da literatura infantil, cujo impulso inicial determinou a incorporação, retroativa, dos textos de La Fontaine e Fénelon na história desse gênero, como também por seu livro provocar uma preferência surpreendente pelos contos de fadas, literatizando uma produção que, até aquele momento, era de natureza popular e circulação oral; tornando-a, a partir da compilação, a principal leitura infantil, como enfatizam Lajolo e Zilberman, (2007, p. 15).

Nesse contexto, a atitude dos franceses não foi reter a exclusividade do gênero literário, direcionado as crianças, ao contrário, esses estimularam sua expansão, simultânea, na Inglaterra, país onde a associação da literatura infantil a

questões econômicas e sociais tornou-se mais evidente, conforme perceptível nas obras de origem inglesa. No que se refere a comercialização dos livros, percebe-se que mesmo não havendo o monopólio da produção a lucratividade aumentou, significativamente, ao longo do século seguinte, como destacam Lajolo e Zilberman (2007, p. 15):

A industrialização consistiu no fenômeno mais geral que assinalou o século XVIII. Foi qualificada de revolucionária e classificou o período, porque incidiu em atividades renovadoras dentro dos diferentes setores do quadro econômico, social, político e ideológico da época. A rala produção artesanal multiplicou-se rapidamente, com o aparecimento de manufaturas mais complexas, tecnologias inovadoras e invenções recentes. Localizadas nos centros urbanos, as fábricas logo atraíram trabalhadores do campo, que vinham em busca de melhores oportunidades de serviços. O êxodo rural fez inchar as cidades, incrementou o comércio e incentivou meios de transporte mais avançados. Porém, mão-de-obra abundante significa igualmente falta de empregos, e os dois fatos, reunidos, produziram o marginal alojado na periferia urbana, os cinturões de miséria e a elevação dos índices de criminalidade.

Sabe-se que, durante o século XVIII, a burguesia lucrava com o comércio dos livros infantis. Assim, para que a industrialização e a, conseqüentemente, comercialização continuassem beneficiando a classe burguesa era necessário ampliar a produção de livros, cujo público alvo fosse as crianças. No entanto, para a manutenção dos rendimentos o processo de criação exigiria, dos escritores envolvidos com o gênero literário infantil, dedicação. Apesar da industrialização ter sido considerada uma atividade inovadora, na época, além do engajamento dos autores, a mão-de-obra era essencial, pois para que a burguesia continuasse a lucrar era preciso contratar pessoas para atender a essa demanda.

No século XIX, a literatura infantil já havia se consolidado. A exitosa comercialização demonstra o quanto esse gênero literário era bem-sucedido. Para essa configuração contribuíram, significativamente, os Irmãos Grimm, com a edição da coletânea de contos de fadas, em 1812. Dessa forma, é notória a predileção das crianças por histórias fantásticas, como é o caso dos modelos adotados por Lewis Carroll, em **Alice no país das maravilhas** (1863), Collodi, em **Pinóquio** (1883), e James Barrie, em **Peter Pan** (1911).

Vale ressaltar que o público infantil também se sentia atraído por histórias de aventuras como: **As aventuras de Tom Sawyer** (1876), de Mark Twain e **A ilha do tesouro** (1882), de Robert Louis Stevenson. Esse tipo de obra infantil sempre

chamava a atenção das crianças. Logo, era bastante favorável para a classe burguesa, da época, pois à medida que atraíam o interesse, por meio das obras literárias, se beneficiavam com o lucro.

No Brasil, a literatura infantil surgiu no século XX, mas, de acordo com Lajolo e Zilberman (2007), ao longo do século XIX já havia registros de obras literárias voltadas às crianças. Com a implementação da Imprensa Régia, oficializada em 1808, as atividades editoriais foram intensificadas e traduções para o público infantil foram publicadas, a exemplo de:

As aventuras pasmosas do Barão de Munhausen e, em 1818, a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, *Leitura para meninos*, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural. (LAJOLO, ZILBERMAN, 2007, p. 21).

Contudo, por serem publicações esporádicas, são insuficientes para caracterizar uma produção literária regular para a infância, no Brasil, já que a obra seguinte surgiu, apenas, no ano de 1848. Trata-se de outra edição das **Aventuras do Barão de Munchhausen**. Dessa vez sob a chancela de Laemmert. É importante ressaltar que, historicamente, a literatura infantil é um gênero situado entre dois sistemas; destacando-se, segundo Cademartori (2010), no âmbito educacional, graças ao seu papel pedagógico, uma vez que contribui como a formação de leitores, pois no literário tem o caráter estético questionado.

Para além dessa discussão, esse estudo observa o potencial da literatura infantil para o trato das questões étnico-raciais, levando em consideração o que propõe Candido (1999, p. 82) ao defender a literatura “[...] como força humanizadora [...] Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem.”

Isto porque, segundo Candido (1999, p. 82), a literatura desempenha uma função psicológica. Assim, “[...] a produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e fantasia, que de certo é coextensiva ao homem”. Se até na idade adulta os seres humanos sentem necessidade da ficção, na infância essa é fundamental, uma vez que, além de diversão, propicia conhecimento sobre o ambiente no qual a criança está inserida, já que “[...] a fantasia quase nunca é *pura*. Ela se refere constantemente a alguma realidade:

fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc.” (CANDIDO, 1999, p. 83 – grifo do autor)

De modo que nos propomos a refletir sobre o racismo e a estereotipização, “problema humano” que ocasiona o preconceito e a negação identitária por parte de crianças e adultos. Por isso, defendemos uma intervenção, ainda, na Educação Infantil, para que desde os primeiros anos escolares haja um processo de autoafirmação. Para tanto, ressalte-se a necessidade de manter uma educação antirracista ao longo do Ensino Fundamental, Médio e superior.

Nesse contexto, é papel dos professores ampliar o repertório de leitura, pois esse conhecimento é primordial para a abordagem de obras que possibilitem alcançar os objetivos propostos, no que se refere a uma educação para as relações étnico-raciais. De maneira que é preciso apresentar aos discentes livros cujos personagens e enredo expressem a diversidade, pois essa aproximação entre o narrado e o vivido favorece a compreensão do público leitor infantil.

Em uma conjuntura ampla, a literatura infantil brasileira, conta com obras, cuja autoria é de escritores de renome, como Henriqueta Lisboa, Raquel de Queiroz, Mário Quintana, Érico Veríssimo, além de outros autores, considerados referências na literatura nacional. Escritores contemporâneos como Ferreira Gullar e Armando Freitas ampliaram esse horizonte, no que se refere a produção literária voltada ao público infantil.

Assim, Ferreira Gullar, além da poesia, dedica-se a fábula e ao conto, para pequenos leitores, conforme constatado por meio dos títulos: **Um gato chamado Gatinho**, **Dr. Urubu e outras fábulas**, assim como o **Touro encantado**; enquanto Armando Freitas é autor de **Apenas uma lata** e **Breve memória de um cabide contrariado**. Esses autores, dentre outros, representam o gênero infantil, o qual não é fácil nem menor e não aceita improvisação nem descuido, pois requer talento, já que sua produção deve observar algumas peculiaridades, conforme destaca Cademartori (2010, p. 4).

Durante o final do século XX, a literatura infantil passou pelo que se pode chamar de internacionalização do gênero, o que é resultado da globalização, uma vez que quando um livro infantil é aceito pelo público de um país influente e sua aceitação fica evidente; há, de imediato, a distribuição desse livro para os demais países, tornando-se, assim, sucesso global. Essa literatura é caracterizada:

[...] pela forma de endereçamento dos textos ao leitor. A idade deles, em suas diferentes faixas etárias, é levada em conta. Os elementos que compõem uma obra do gênero devem estar de acordo com a competência de leitura que o leitor previsto já alcançou. Assim, o autor escolhe uma forma de comunicação que prevê a faixa etária do possível leitor, atendendo seus interesses e respeitando suas potencialidades. A estrutura e o estilo das linguagens verbais e visuais procuram adequar-se às experiências da criança. Os temas são selecionados de modo a corresponder às expectativas dos pequenos, ao mesmo tempo em que o foco narrativo deve permitir a superação delas. Um texto redundante, que só articula o que já é sabido e experimentado, pouco tem a oferecer. (CADEMARTORI, 2010, p. 5).

Desse modo, torna-se perceptível que as obras infantis devem ampliar a compreensão dos pequenos leitores. Por isso, o escritor deve tomar uma série de cuidados com a linguagem, pois essa deve ser adequada as diversas faixas etárias sem desconsiderar o potencial de compreensão que deve ser estimulado, pois obras previsíveis nem colaboram com o desenvolvimento das competências de leitura nem permitem ampliar o conhecimento sociocultural.

Vale salientar a existência de livros que se adequam as exigências da literatura infantil ao tempo que estimulam a percepção da realidade, pois “[...] refletem acentuada consideração por temas sociais, como as diferenças raciais, sexuais, de classe, de habilidades e outras”. (CADEMARTORI, 2010, p. 5), sendo, portanto, essenciais para uma educação antirracista e que promova o respeito a diversidade, a exemplo da obra que se constitui *corpus* desse estudo.

3.2 Quilombismo em letras e vozes: por uma literatura afro-brasileira para crianças

Discursos acerca da existência de uma literatura afro-brasileira, nortearam discussões na primeira década do século XX. Motivo que instigou o pesquisador Eduardo de Assis Duarte a perseguir um conceito. Nessa busca por uma definição, o estudioso constatou sua existência desde o século XVIII e reafirmou sua presença contemporaneamente, impulsionada por diversos fatores, conforme ressalta:

Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente cresce em volume e começa a ocupar espaço na cena cultural, ao mesmo tempo em que as demandas do movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional. (DUARTE, 2010, p. 113)

Contribuíram para o atual cenário, no que se refere a literatura afro-brasileira, acontecimentos anteriores e posteriores a década de 80, do século XX, a exemplo

da série **Cadernos Negros**, publicada, inicialmente, em 1978, e a publicação do romance **Um defeito de cor**, de Ana Maria Gonçalves, no ano de 2006, o qual inseriu “[...] a temática dos escravizados e suas diversas formas de resistência “[...] em uma editora de grande porte.” (DUARTE, 2010, p. 114)

Alie-se a esses fatos “[...] a ampliação da chamada classe média negra com um número crescente de profissionais com formação superior buscando lugar no mercado de trabalho e no universo de consumo e, por outro lado, a instituição de mecanismos como a lei 10.639/03 [...] (DUARTE, 2010, p. 114). Tal dispositivo legal, culminou na elaboração das **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, documento no qual ressalta-se a importância das políticas afirmativas, no âmbito educacional e, conseqüentemente, no social.

Apesar do crescente debate, o conceito de literatura afro-brasileira, constantemente, é confrontado com o de literatura negra, a qual, segundo Duarte (2020, p. 115,) advém da militância “[...] vinculada ao movimento negro”. De acordo com Ironides Rodrigues, citado por Duarte (2010, p. 115), em consonância com Lobo (2007, p. 266): “[...] a literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro”.

Tal conceituação é considerada problemática por alguns pesquisadores da literatura. Apesar de atribuída por Luiz Silva (Cuti), intelectual atuante do Quilomboje, coletivo cultural transformado em editora, a qual publica a série **Cadernos Negros**, cujo volume 42 foi finalista do Prêmio Jabuti, de 2020. Isso porque a “[...] postura incisiva [dos Cadernos Negros] que se transformou em sua marca registrada [...]” (DUARTE, 2010, p. 115) afasta escritores menos dedicados a militância.

Para esses pesquisadores, a exemplo de Benedita Gouveia Damasceno, mais importante do que o “pertencimento étnico” é a temática abordada, pois nem todos/as os/as escritores/as negros/as empreendem uma escrita marcada pelo protesto contra o preconceito racial, cultural e religioso. A ausência de consenso leva alguns estudiosos a propor abordagens conciliatórias como fez Domício Proença Filho, o qual tenta incluir tanto a escrita, produzida pelas pessoas negras, quanto os textos sobre o negro na mesma categoria literária.

De acordo com Duarte (2010, p. 117), Zilá Bernd empreende a mesma linha de raciocínio de Proença filho na sua obra **Introdução a literatura negra**. Entretanto:

[...] tal dicotomia compromete a operacionalidade do conceito, uma vez que o faz abrigar tanto o texto empenhado em resgatar a dignidade social e cultural dos afrodescendentes quanto o seu oposto a produção descompromissada [...] voltada muitas vezes para o exotismo e a reprodução de estereótipos atrelados a semântica do preconceito. (DUARTE, 2010, p. 117)

Embora a abrangência do conceito seja problemática, Bernd (1988, p. 77), no referido estudo, apresenta “leis fundamentais” da literatura negra no que se refere a poesia, são elas: a “[...] ‘reversão de valores’ com o estabelecimento de uma ‘nova ordem simbólica’ oposta aos sentidos hegemônicos, ‘a construção da epopeia negra’ e, sobretudo, a ‘emergência de um eu enunciador.’” (DUARTE, 2010, p. 117)

Desse modo, o foco da pesquisadora não é a cor da pele de quem escreve, mas o “eu-enunciador” que se apresenta nos textos literários, o qual vai ao encontro de uma coletividade. Para Duarte (2010, p. 117) essas considerações devem ser restritas aos textos poéticos, tendo em vista a complexidade do narrador no “discurso ficcional”. Já para Lobo (2007, p. 328), é preciso fazer uma ressalva, pois na conjuntura social brasileira nem todas as pessoas poderiam se “[...] identificar existencialmente com a condição de afrodescendente”.

Após refletir acerca dos diversos pontos de vista, Duarte (2010, p.119) propõe a palavra afro-brasileira, a qual “[...] remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos”. Segundo Luiz Silva, conhecido pelo pseudônimo de Cuti, essa designação reduziria o sentido político e de autoafirmação identitária contido na palavra negro”, conforme revelado por Duarte (2010, p. 119)

Na esteira dessas considerações, Duarte (2010, p. 119) argumenta acerca do risco que o termo afro-brasileiro/a se torne sinônimo de pardo no uso cotidiano. No entanto, destaca: se a palavra negra for adotada no sentido de africana, não existe no Brasil uma literatura, totalmente, voltada a África. Assim, é justo evidenciar o vínculo entre esse continente e o Brasil.

Lobo (2007, p. 315) apresenta uma definição oportuna que agrega tanto o “sujeito da enunciação” quanto o compromisso ideológico. Para a estudiosa: poderíamos definir a literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem, ideologicamente, como tal; utilizando um sujeito da enunciação próprio: “[...] Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção

literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo)”.

Além dos aspectos mencionados, Duarte (2010) evidencia a importância do ponto de vista adotado, no ato da escrita, pois mais importante que a origem dos/das autores/as é o lugar a partir do qual eles/elas se expressam. De maneira que, em resumo, distinguem a literatura afro-brasileira:

[...] uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo. (DUARTE, 2010, p. 122)

Por isso, temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público devem ser considerados quando nos propomos a analisar uma obra da literatura afro-brasileira. Saliente-se que, também, fundamenta a opção por essa nomenclatura, no presente estudo, a inserção desse adjetivo em documentos oficiais.

No que concerne a outra noção, abordada nesse tópico, em **Quilombismo**: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira, Abdias do Nascimento destaca como a memória do afrodescendente brasileiro é, sistematicamente, agredida pela estrutura de poder e dominação há quase quinhentos anos.

Em decorrência disso, agrupamentos, como o Quilombo dos Palmares, surgiram, se tornando locais onde a resistência era constante. Protestava-se contra o sistema escravagista que submetia os africanos escravizados a mão-de-obra sem remuneração, assim como a agressões e a um processo de aculturação. De maneira que, apesar de contribuir para que o crescimento do país ocorresse, substancialmente, em benefício dos senhores de escravos e da própria sociedade escravagista da época, essas pessoas foram marginalizadas, sem perspectiva de ascender socialmente, uma vez que essa mobilidade social era vetada por leis que reforçavam a opressão.

Percebe-se que, por muito tempo, as vozes dos negros permaneceram silenciadas. A esse respeito, Nascimento (2009) destaca que no Brasil, a elite dominante sempre buscou desenvolver esforços, na tentativa de impedir que os negros pudessem assumir as suas raízes étnicas, seccionando-os do seu tronco

familiar africano. É evidente o processo de negação, por parte da classe dominante, a qual recusa ao negro o acesso a sua herança cultural africana, vetando, assim, o acesso aos valores transmitidos por seus antepassados.

É importante destacar que, atualmente, não há proibição oficial, mas, indiretamente, incentiva-se o distanciamento das origens culturais, pois a depreciação do patrimônio imaterial do continente africano e a exaltação europeia ocasionam uma autorrejeição, já que, segundo Lima (2006, p. 43):

As visões mais comuns sobre a História africana ou se construíram com base em preconceitos etnocêntricos, apresentando a África como lugar atrasado, inculto, selvagem, terra da barbárie, ou supervalorizando o seu papel de vítima – do tráfico, do capitalismo, do neocolonialismo e assim por diante.

Essa visão depreciativa foi reforçada pela imigração maciça de europeus no pós-abolição, pois as classes dominantes que, por palavras e ações, tentavam desconstruir das mentes dos afrodescendentes a imagem de uma África positiva, silenciando suas vozes; passou a acolher os imigrantes, valorizando a cultura e incentivando a permanência no país, desde que o resultado fosse uma população cada vez mais branca, como aponta (Schwarcz, 1998. p. 87)

Apesar de tais estratégias, da elite dominante, a herança cultural africana permaneceu na lembrança dos/as negros/as, garantindo, assim, a presença viva da Mãe África em terras brasileiras. Além da memória, o continente africano estava presente, materialmente, nos quilombos, “[...] localizados no seio de florestas de difícil acesso [...]” (NASCIMENTO, 2009, p. 203); já que, segundo a historiadora Maria Beatriz Nascimento (1979, p. 17), mencionada por Nascimento (2009, p. 204) tratava-se de locais onde “[...] a liberdade era praticada, onde os laços étnicos e ancestrais eram revigorados.

Nascimento (2009, p. 203), pontua, ainda,

[...] Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba e gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante.

Desse modo, o quilombismo, compreendido como “práxis afro-brasileira” refere-se tanto as organizações legais quanto as ilegais. (NASCIMENTO, 2009, p. 203). Tal perspectiva é importante por reafirmar a necessidade de união para a

libertação das mentes, pois a “abolição” garantiu, apenas, liberdade aos corpos, uma vez que a população negra precisa lutar, diariamente, por seus direitos e pelo respeito a herança cultural africana.

Consciente dessa situação, Abdias do Nascimento propôs o ABC do Quilombismo, no qual esquematiza lições importantes, dentre as quais destacamos:

[...] f) Formar os quadros do quilombismo é tão importante quanto mobilizar e organizar a comunidade negra; g) Garantir ao povo trabalhador negro seu lugar na hierarquia de poder e decisão, mantendo sua integridade étnico-cultural, é a motivação básica do quilombismo.” (NASCIMENTO, 2009, 208)

No contexto da Educação Infantil, direcionamos tais lições aos professores, os quais devem ser formados para atuar em prol de uma educação antirracista, uma vez que a escola pode se constituir um espaço adequado ao trabalho com a literatura infantil, como prática quilombista de conscientização dos/as alunos/as, pois o “poder de decisão” e a “integridade étnico-cultural” podem ser propiciadas, desde a infância, pelo conhecimento e pela valorização, capazes de incentivar a autoafirmação.

A esse respeito, Mariosa e Reis (2011), evocadas por Cardoso (2017, p. 37), destacam:

[...] na atualidade, os textos voltados para o público infantil e juvenil tendem a romper com as representações que inferiorizam os negros e sua cultura, visto que passam a apresentar os negros em busca de resgatar a sua identidade, enfrentando os preconceitos, e defendendo, sobretudo, as tradições de sua cultura.

Assim, por meio das letras e vozes, levando em consideração que na Educação Infantil as crianças ainda não dominam, totalmente, práticas de leitura e escrita, por isso, necessitam da mediação dos professores; é possível contribuir, através da literatura infantil afro-brasileira, com o processo de libertação total dos afrodescendentes (corpos e mentes), o qual deve se estender ao longo da: “[...] Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos [e] Educação Superior” (BRASIL, 2004, p. 23)

4 A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA QUILOMBISTA: O JEITO AFRO-BRASILEIRO DE SER

O negro, ao longo do tempo, permaneceu em papéis secundários, tanto em obras literárias quanto em produções cinematográficas, mas após inúmeros atos de resistência, os adultos e as crianças negras passaram a protagonizar, cada vez mais, narrativas ficcionais escritas e/ou fílmicas, ganhando um espaço, significativo, em uma sociedade onde apenas pessoas brancas desempenhavam os papéis principais, seja na realidade seja na ficção. Isto porque a exclusão do mercado editorial e artístico é consequência de uma subalternização social, decorrente do preconceito racial que precisa ser combatido.

Ilustra essas considerações, no âmbito teatral, Nascimento (2004) ao evidenciar as motivações para a criação do Teatro Experimental do Negro, o qual foi idealizado quando; em Lima, no Peru, o intelectual assistiu a um espetáculo no qual o protagonista era um ator branco pintado de preto, fato que o levou a refletir: “[...] em meu país, onde mais de vinte milhões de negros somavam a quase metade de sua população de sessenta milhões de habitantes, na época, jamais assistira a um espetáculo cujo papel principal tivesse sido representado por um artista da minha cor.” (NASCIMENTO, 2004, p. 2009)

No que se refere a literatura infantil, a realidade não é oposta,

Os personagens [...], habitantes do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, precursores e inauguradores de uma nova forma de personagens, até então inexistente no gênero, são ainda hoje lembrados e objeto de discussão e estudo no meio acadêmico. A tia Nastácia e o tio Barnabé, os dois personagens negros mais famosos criados por Lobato, além do saci que ele recolheu das histórias populares, são também típicos exemplos da representação estereotipada no negro nesse gênero da literatura brasileira. (SILVA, 2016, p. 34)

Esses aspectos ilustram a necessidade de valorização dos/as afrodescendentes e de sua cultura, pois a autoafirmação é fundamental na luta contra a opressão racista, reproduzida nos palcos e nos livros para crianças. Nesse sentido, cabe refletir acerca da implementação da Lei 10.639/03, a qual determina a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, com foco na Educação Infantil; etapa na qual as crianças tendem a reproduzir comportamentos característicos das pessoas com as quais convivem. Por esse

motivo, uma intervenção educacional, cuidadosa, pode contribuir com a ruptura do ciclo de preconceito dentro e fora do ambiente escolar.

Segundo as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, os temas relativos às contribuições dos/as africanos/as a nação brasileira devem ser abordados em todos os componentes curriculares, especialmente, “[...] nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2004, p. 35).

Tais especificações não devem ser vistas como impedimento, mas como estímulo aos docentes, pois o fato dessas disciplinas serem obrigatórias, apenas, em outras etapas educacionais não impede a devida adaptação para o ensino infantil, pois a literatura, em um contexto amplo, diz respeito a todas as narrativas de toque ficcional, conforme defende Candido. Ao ser indagado sobre sua definição, o crítico literário argumenta:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p. 156)

Pelo exposto, torna-se notório que a Literatura permeia o imaginário infantil antes do ingresso das crianças nas escolas. Assim, cumpra-nos ampliar esse repertório, nos momentos de leitura em sala de aula, com vistas a formação de pessoas livres de preconceito de quaisquer espécie, pois segundo Todorov (2009, p. 76) “A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver.”

No que se refere o combate ao racismo, vale destacar o livro infantil **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um**, da escritora Lucimar Rosa, no qual é apresentada uma pequena menina negra, denominada Luanda, como protagonista. Esta personagem homenageia a população afrodescendente que tanto fez e faz pela sociedade brasileira, sem obter a devida valorização e reconhecimento. Desse modo, compreende-se que, através da obra **Cada um com seu jeito, cada jeito é**

de um, a escritora, Lucimar Rosa Dias, evidencia a diversidade, presente em uma família afro-brasileira, e exaltação a beleza negra por meio da protagonista Luanda.

4.1 De Angola ao Brasil: Luanda, espaço, personagem e além disso...

Ao conhecermos a protagonista, de imediato, a relacionamos com duas categorias narrativas, a saber, espaço e personagem, mas, afinal, quem é Luanda? Como sabemos esse é o nome da capital de Angola, país localizado no continente africano. Porém, este trabalho não tem como foco a cidade, mas o ser ficcional, criado por Lucimar Rosa Dias como forma de demarcar a ancestralidade africana.

Essa representatividade ao tempo que subverte o apagamento dos afrodescendentes, constatado ao longo da literatura brasileira, propicia a ascensão ao protagonismo, pois a ficção nacional costumava relegar essa população a papéis secundários, conforme demonstrado por Silva (2016, p. 34). De maneira que as obras produzidas contemporaneamente, principalmente, a partir do início do século XXI incentivam as crianças negras a se espelharem em personagens como Luanda, devido a caracterização física e psicológica, pois além de bela a menina apresenta um comportamento exemplar.

No que se refere a beleza da personagem, essa foi, segundo a voz narrativa, um dos motivos que levou o pai a denominá-la Luanda, ele acreditava que sua pequena filha seria tão linda quanto à cidade que conheceu, quando era mais jovem. Portanto, observa-se que o nome da filha traz boas lembranças da época que vivera na capital de Angola. Ao homenagear a cidade, o personagem destaca o vínculo com o continente africano, de onde seu povo foi disperso, pelo mundo, devido a diáspora e para onde se volta a partir de movimentos como o Pan-Africanismo, a fim de ressaltar sua história e cultura onde estiver.

Assim, na produção de adulto para criança, as ideias dos “mais velhos” se manifestam, também, com o intuito de incentivar comportamentos e pensamentos, com vistas a formação infantil. Nessa conjuntura, observa-se uma concepção racional e ideológica, já que o adulto trabalha com conceitos, cujo conhecimento considera essencial na infância. Porém, expressa, com frequência, seus sonhos de infância. De forma que os escritores podem construir mundos imaginados quando crianças.

Ilustra essas considerações a obra **Quem me dera ser onda**, do escritor angolano Manuel Rui, a qual apesar de apresentar um panorama da capital de Angola: Luanda, após a guerra colonial, o faz de forma leve, de modo a estimular a imaginação do público infantil. Embora faça parte de outro sistema literário, esse livro pode ser relacionado com a narrativa **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um**, não apenas por ambos fazerem parte da literatura infantil, de seus respectivos países, mas pelo fato de o país africano inspirar a escrita de Lucimar Rosa Dias, pois, enquanto no primeiro Luanda é o espaço narrativo, no segundo é o nome da protagonista, atribuído em homenagem aos ancestrais provindos de Angola.

A apropriação do nome da cidade angolana pode ser constatada não apenas na ficção. No âmbito real, citamos o caso do escritor José Vieira Mateus da Graça, nascido em Portugal, o qual se tornou cidadão de Angola, tendo militado no MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), motivo pelo qual foi preso e condenado. Tal fato, não o impediu de homenagear a cidade onde viveu desde a infância, incorporando-a ao seu nome literário: José Luandino Vieira²

Nesse caso, observa-se o emprego do sufixo diminutivo “ino”, apesar de tratar-se de um adulto; enquanto a personagem de Lucimar Rosa Dias, embora seja criança é denominada, exatamente, como a cidade. Outro detalhe que pode ser pontuado é o fato de o escritor ter se autodenominado e a protagonista da obra **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um** ter sido nomeada pelo pai.

Apesar do fragmento acima evidenciar, apenas, a beleza da cidade, ao longo da narrativa fica lúcido que a personagem valoriza suas raízes culturais, diferindo, portanto, da maioria das crianças que têm sua faixa etária, as quais negam seu pertencimento identitário devido a estereotipização e o preconceito dos quais são vítimas. Luanda, ao contrário, demonstra autoafirmação, conforme verificado no excerto: “[...] e do que ela mais gosta mesmo é do cabelo crespo que tem. Cheio de rolinhos.” (DIAS, 2012, n.p.)

Pelo exposto, fica evidente que, além da linguagem, o/a escritor/a deve pensar na proposta temática e nos valores construídos ao longo de sua trajetória. Tais aspectos têm o objetivo de formar as crianças como leitores e, posteriormente, cidadãos críticos, capazes de colaborar com o crescimento da sociedade brasileira,

² Biografia e obras disponíveis em: JOSÉ LUANDINO VIEIRA – Kapulana

tendo em vista que a literatura “[...] age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela.” (CANDIDO, 1999, p. 84)

Além de bela, Luanda é uma menina alegre e inteligente. Em sua casa os momentos de respeito são constantes. Sentimentos como felicidade e amor prevalecem no dia a dia. Na residência moram seus pais, seus irmãos e sua avó materna, os quais serão analisados posteriormente, já que, por meio dos personagens secundários, observamos o desejo da escritora Lucimar Rosa Dias de romper, também, com estereótipos de gênero e idade.

Isto porque, segundo Moisés (2013, p. 359) enredo e personagens são inseparáveis, pois “É no fluxo da ação que a personagem mostra as tendências caracterológicas que a distinguem das outras, e a ação depende, não raro, de um ou mais agentes [...]”. Assim, os demais familiares, de Luanda, são construídos de forma a colaborar duplamente: com o combate ao racismo, uma vez que demonstram orgulho da descendência africana, e com as demais formas de preconceito que tentam impor comportamentos para homens, mulheres, jovens e idosos na sociedade brasileira.

No que se refere a protagonista, ela é descrita, ao longo da obra, como “[...] linda, inteligente e muitíssimo sapeca. Essa palavra muitíssimo quer dizer que a menina é muito, mas muito sapeca mesmo! Essa menina é daquelas levadas da breca”. (DIAS, 2012, n.p.). Ao longo da leitura do livro vamos conhecendo melhor Luanda, tanto física quanto comportamentalmente e por meio de palavras e imagens constatamos, em várias páginas, que ela gosta:

De pular os degraus das escadas [...] De girar bem forte no gira-gira do parquinho [...] De comer bastante chocolate [...] De chamar a mãe a toda hora, com um gritinho bem especial: MANHÉÉÉ [...] De falar gritando, ou será de gritar falando?” (DIAS, 2012, n.p.)

Por conseguinte, o livro **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um**, nos faz refletir acerca das crianças negras, pois, a maioria, não vive na mesma situação confortável que Luanda, algumas não têm uma moradia digna, nem uma estrutura familiar sólida como a personagem. Desse modo, não têm a mesma chance de aproveitar a infância, pois algumas trabalham para auxiliar no sustento família. Essas informações objetivam destacar como o racismo prejudica as pessoas negras. Entretanto, representações, como a proposta no livro **Cada um com seu jeito, cada**

jeito é de um, são importantes no sentido de enfatizar que todas as crianças têm direito a oportunidades iguais.

4.2 Desconstruindo estereótipos em família

Segundo Shohat e Stam (2006, p. 51), “O racismo é a tentativa de estigmatizar a diferença com o propósito de justificar vantagens injustas ou abusos de poder, sejam eles de natureza econômica, política, cultural ou psicológica [...]”. Tal qual o racismo, outras formas de preconceito objetivam estereotipar as pessoas para que essas sejam controladas por padrões sociais impostos. De forma que a obra de Lucimar Rosa Dias pode colaborar, nas salas de aula da Educação Infantil, com o combate a essas práticas.

Para tanto, é necessário que os professores proponham uma contação de história que ligue os elementos textuais aos contextuais, conforme propõe Candido (1999), de forma a propiciar fruição e reflexão por meio do texto lido/ouvido. Assim, a leitura pode ser intercalada como momentos de diálogo para que as crianças adentrem o mundo da ficção, onde tudo é possível, e retornem ao mundo real para refletir sobre questões essenciais a uma educação antirracista socioemocional, pois nessa perspectiva, além da identidade, importa a alteridade.

Desta forma, os/as educadores/as estão agindo em prol de uma sociedade justa e igualitária, pois, como destaca Cavalleiro (2001, p. 142) “[...] promover o bem de todos sem preconceito de origem, raça, sexo, cor e idade e quaisquer outras formas de discriminação constituem objetivos fundamentais da nossa República e constam no artigo 3º da Constituição Federal”.

De maneira que a obra de Lucimar Rosa Dias pode contribuir com essa determinação a partir da protagonista e das personagens secundárias: “[...] na casa desta bela menina mora uma turma bem legal. É uma família bem divertida! [...] Eles gostam de fazer várias coisas juntos e outras coisas separados. Nesta casa cada um tem um jeito de ser e de gostar de coisas diferentes”. (DIAS, 2012, n.p.)

No que se refere a protagonista, podemos afirmar que a criança negra está bem representada, pois a personagem apresenta autoestima elevada, é feliz, aceita seu “jeito de ser” e valoriza sua origem, diferente de muitas crianças negra, as quais devido o racismo, não se aceitam e tentam se adequar aos padrões eurocêntricos

impostos pela sociedade, muitas vezes influenciadas por seus pais e/ou responsáveis.

Por isso, é importante que narrativas como essa, também, alcancem essas pessoas. Uma possibilidade de trabalho com esse intuito é a criação de uma biblioteca móvel, para que livros, com temáticas étnico-raciais, sejam lidos em casa. Assim, fragmentos valorativos, como “Gosta da cor de sua pele. Do seu sorriso. Da sua altura, e do que ela mais gosta mesmo é do cabelo crespo que tem. Cheio de rolinhos”. (DIAS, 2012, n.p.), podem incentivar a autoafirmação das crianças, sob o incentivo dos adultos.

No que se refere as personagens secundárias, essas podem colaborar para combater estereótipos de gênero, a exemplo da mãe e do pai, cujos comportamentos vão de encontro a expressões preconceituosas como “lugar de mulher é na cozinha”, pois a obra assim apresenta os pais: “A mãe é baixa e um pouco magra. Adora ler jornais e arrumar o jardim. O pai é muito alto e um pouco gordo. Ele gosta de fazer duas coisas: ver futebol e cozinhar”. (DIAS, 2012, n.p.)

O fragmento apresenta tarefas, consideradas masculinas, como a leitura de jornais e a jardinagem, desempenhadas por uma mulher, ao mesmo tempo que apresenta um homem que gosta de cozinhar sem esquecer o futebol. Assim, o que autora propõe não é uma troca de papéis para chamar a atenção, mas de forma sutil ela destaca a liberdade de escolha dos personagens, independente do gênero, pois os pais de Luanda não se incomodam a opinião alheia, agem de modo a se sentirem bem.

Com relação aos demais familiares, esses são assim descritos pela voz narrativa:

O irmão mais velho é lato e forte. Ele gosta de jogar VÍDEOGAMES e ler livros [...] O irmão mais novo é baixo e meio fraquinho. Adora brincar de esconde-esconde [...] E tem a avó materna que é magra e alta. Ela gosta de caminhadas e de ouvir rock. (DIAS, 2012, n.p. – grifo da autora)

No excerto notamos a intenção de romper estereótipos de idade, pois o fato de o irmão mais velho gostar de ler não impede que ele goste de jogar videogame. Do mesmo modo, a avó tem total liberdade de gostar de rock, ritmo musical, normalmente, associado ao gosto dos jovens. Pelo exposto, verifica-se que essa obra da literatura afro-brasileira infantil apresenta um propósito maior, já que, além

de apresentar uma família negra de forma valorativa, conforme perceptível pelas palavras: “Vou apresentar para você uma menina muito especial.” (DIAS, 2012, n.p.) e pelas imagens, foca na diversidade de hábitos como forma de valorizar a diversidade.

5 CONCLUSÃO

Ao término deste estudo foi possível constatar que a obra **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um** é produzida, sobretudo, a partir de dois valores de referência afro-brasileiros: a corporeidade e a ludicidade, tendo em vista que o corpo, ao tempo que expressa a beleza da menina negra, é fundamental para as ações cotidianas, saltar, brincar e cantar, por exemplo. Por meio dessas atitudes se sobressai a representatividade de uma menina feliz.

Além desses valores, é recorrente a evocação da memória, ancestralidade, oralidade, musicalidade e cooperativismo, para citar alguns, em obras com temáticas voltadas as questões étnico-raciais, as quais são fundamentais para indicar o pertencimento a literatura afro-brasileira (DUARTE, 2010, p. 122), pois a partir do tema é possível abordar não apenas aspectos individuais, mas coletivos do povo africano, denunciando o racismo e valorizando a histórica e cultura desse continente.

A obra que se constitui *corpus* desta pesquisa, também, atende ao critério de autoria, destacado por Duarte (2010, p. 124), tendo em vista a autoafirmação identitária de Lucimar Rosa Dias, escritora que também se dedica a temáticas étnico-raciais em suas pesquisas acadêmicas. Saliente-se que o ponto de vista, outro fator destacado por Duarte (2010, p. 127) encontra-se diretamente ligado a autoria, uma vez que traduz a visão de mundo de quem escreve.

Alie-se a tais fatores a linguagem, pois do mesmo modo que ela é mobilizada pelos racistas, pode ser utilizada pelos antirracistas. Por meio de expressões valorativas é possível reverter a lógica opressora, evidenciar a beleza e caracterizar com adjetivos positivos os comportamentos dos/das afrodescendentes. Na obra **Cada um com seu jeito cada jeito é de um**, a voz narrativa se refere a Luanda como especial e a sua família como legal, a simplicidade das palavras, nesse caso, é significativa, pois a narrativa deve apresentar uma linguagem compreensível as crianças.

Por fim, Duarte (2010, p. 133) ressalta o público para quem essas obras são direcionadas: os/as afrodescendentes. Isso não significa que apenas crianças negras devem ler os livros, mas que há um “endereçamento” especial, a fim de incentivar a autoafirmação dessas crianças e despertar orgulho do pertencimento identitário, pois registra-se casos em que elas pedem aos pais para alisarem os

cabelos e rejeitam a cor da pele, motivadas pela supervalorização da imagem eurocêntrica, na escola e na sociedade geral.

Por isso, é essencial uma mudança de postura dos/das educadores/das no sentido de propiciar a representatividade negra em todo o ambiente escolar por meio de cartazes, obras literárias e brincadeiras de origem africana, por exemplo, assim como a proposição de estratégias que visem conscientizar os pais e/ou responsáveis sobre a importância da colaboração de todos/as para que a escola se torne um quilombo, na perspectiva defendida por Nascimento (2009), a fim de que a educação antirracista alcance os resultados almejados.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Muryatan Santana. *Pan-africanismo: unidade e diversidade de um ideal na Présence Africaine* (1956-63). In: **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**. Disponível em: <1427824102_ARQUIVO_Pan-Africanismo-MSB.pdf (anpuh.org)>. Acesso em: 20 de dez. de 2020.
- BERND, Zilá. **A questão da Negritude**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília/DF, 2004.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Disponível em: <8635992-Texto do artigo-5655-1-10-20150615.pdf>. Acesso em: 01 de jan. de 2021.
- CANDIDO, Antonio. O direito a Literatura. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- CAVALLEIRO, Eliane (org). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2003.
- CHRISTIAN, Mark. *Conexões da diáspora africana: uma resposta aos críticos da afrocentricidade*. In: **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com seu jeito, cada jeito é de um**. Campo Grande: Alvorada, 2012.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*. n. 81. 1º semestre, 2015, p. 19-43.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita a história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Ática, 2007.

LIMA, Mônica. *Como os tantãs na floresta: reflexões sobre o ensino de História da África e dos africanos no Brasil*. In: **Modos de ver** / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 2013.

MUNANGA, Kabengele. *Pan-Africanismo, Negritude e Teatro Experimental do Negro*. Disponível em: <Pan-africanismo, negritude e teatro experimental do negro | Ilha Revista de Antropologia (ufsc.br)>. Acesso em: 20 de dez. de 2020.

NASCIMENTO, Abdias. *Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira*. In: **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

SANTOS, Suyan Dionizio Alves Teles; SUZUKI, Antônio Minoru Cabral; MENEZES, Hermes Alves de. *O pan-africanismo: processo de unificação africana*. In: **Cadernos de Graduação**. [online] Vol. 3, n. 2, p. 87-94. Disponível em:<O PAN-AFRICANISMO: PROCESSO DE UNIFICAÇÃO AFRICANA | Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE (set.edu.br)>. Acesso em: 20 de dez. de 2020.

SILVA, Felipe Pereira da. **Representação do negro na literatura infanto-juvenil de Ana Maria Machado**. 2016, 132 f. **Dissertação** (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade*. In: **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação**. São Paulo: Cosac Naify.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.